

nas ruínas do neoliberalismo

*Nas ruínas do neoliberalismo:
a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*

© 2019 Columbia University Press

© 2019 Editora Filosófica Politeia

TÍTULO ORIGINAL

*In the ruins of neoliberalism:
the rise of antidemocratic politics in the West*

TRADUÇÃO

Mario Antunes Marino e Eduardo Altheman C. Santos

REVISÃO

Humberto do Amaral e Sílvia Antunes Marino

PROJETO GRÁFICO

Isabela Sanches

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

B877n

Brown, Wendy

Nas ruínas do neoliberalismo / Wendy Brown

traduzido por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C.

Santos. - São Paulo : Editora Filosófica Politeia, 2019, 256 p.

Inclui bibliografia e índice. ISBN 978-85-94444-07-3

1. Neoliberalismo. I. Marino, Mario A.

II. Santos, Eduardo Altheman C. III. Título.

CDD 330.98

2019-1062

CDU 338.1

Índice para catálogo sistemático



1. Neoliberalismo 330.98

2. Neoliberalismo 338.1

A reprodução parcial sem fins lucrativo deste livro,
para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, requer
autorização prévia dos editores.

As URLs foram testadas em agosto de 2019

Editora Filosófica Politeia
São Paulo | outubro de 2019
www.editorapoliteia.com.br

  /editorapoliteia

WENDY BROWN

nas ruínas do neoliberalismo

a ascensão da política
antidemocrática
no ocidente



editora politeia

7

AGRADECIMENTOS

9

INTRODUÇÃO

A ascensão da política antidemocrática
| Neoliberalismo? O quê!?

33

CAPÍTULO 1

A SOCIEDADE DEVE SER DESMANTELADA

Democracia, igualdade e o social | A sociedade
deve ser desmantelada | Hayek hoje: a liberdade
e o social | Hannah Arendt não ajudou |
Perdendo o imaginário político do social

67

CAPÍTULO 2

A POLÍTICA DEVE SER DESTRONADA

A antipolítica neoliberal | Milton
Friedman | Friedrich Hayek |
Os ordoliberalis | O que deu errado?

109

CAPÍTULO 3

A ESFERA PESSOAL E PROTEGIDA

DEVE SER ESTENDIDA

Teorizando o tradicionalismo moral como
elemento do neoliberalismo | A tradição
segundo Friedrich Hayek | O neoliberalismo
realmente existente | Reconfigurando a
nação como família e empresa privada

151

CAPÍTULO 4

**BOLOS FALAM; CENTROS
DE GRAVIDEZ ORAM**

Liberdade religiosa e liberdade de expressão na
jurisprudência neoliberal | Bolos falam |
Proprietário ou artista? | Artista ou
fornecedor? | Expressão artística ou semiótica
do bolo? | Liberdade de exercício como liberdade
de expressão | Centros de gravidez oram

197

CAPÍTULO 5

**NENHUM FUTURO PARA HOMENS BRANCOS:
NILISMO, FATALISMO E RESENTIMENTO**

Nilismo e Dessublimação | Nilismo
e ressentimento | Espaço

229

BIBLIOGRAFIA

247

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

Este livro surgiu de reflexões provocadas pelas eleições presidenciais de novembro de 2016 nos Estados Unidos. Ele foi concluído em 2018 nas Palestras da Biblioteca René Wellek em Irvine, nos Seminários Gauss de Crítica em Princeton e na Palestra Robert S. Stevens na Escola de Direito de Cornell. Eu havia planejado outro tipo de pesquisa e de escritos para esse período, durante o qual recebi a Bolsa da Fundação Simon Guggenheim e a President's Humanities Research Fellowship da Universidade da Califórnia. Dediquei-me às perguntas e análises desenvolvidas nestas páginas porque me pareceu irresponsável proceder de outro modo. Tenho uma dívida profunda com os dois programas que apoiaram esta realização e com as instituições que acolheram as palestras.

Os fundos Class of 1936 First Chair permitiram que eu contratasse dois soberbos assistentes de pesquisa em Berkeley, William Callison e Brian Judge. Para além da extensa ajuda com a pesquisa e com o preparo do manuscrito, ambos influenciaram meu pensamento com suas reflexões. O profundo conhecimento de Callison sobre os ordoliberalis e suas ideias refinadas sobre racionalidade política foram especialmente importantes na concepção e revisão do capítulo 2. Ele me salvou de várias gafes e me tutorou durante o trabalho.

Além de Brian e Will, agradeço a Judith Butler, Michel Feher, Bonnie Honig, Steve Shiffrin, Quinn Slobodian e Nelson Tebbe. Cada um ofereceu excelentes sugestões. Minha aula magna na Universidade de Lucerna no verão de 2018 permitiu-me refinar algumas ideias.

Wendy Lochner da Columbia University Press foi encorajadora, flexível e profissional. Bud Bynack, revisor extraordinário, e também gentil e divertido, é uma dádiva para escritores e leitores.

A doença terminal de Saba Mahmood acompanhou grande parte da escrita deste livro. Helene Moglen faleceu subitamente durante a finalização do texto. Ambas eram amigas amadas. Ambas nutriam irrepreensível ardor pela beleza e pelas possibilidades deste mundo, além de uma fúria límpida contra suas crueldades, ardis e erros. Que seus espíritos possam inspirar nosso futuro.

A introdução e os capítulos 1, 2 e 5 baseiam-se em argumentos que delineei em *Neoliberalism's Frankenstein: Authoritarian Freedom in Neoliberal "Democracies"*. O capítulo 1 traz também elementos de *Defending Society*, da série *Big Pictures*.

INTRODUÇÃO

*Eis o espírito tirânico querendo brincar
de bispo e de banqueiro por toda parte.
George Eliot, Middlemarch.¹*

Para sua própria surpresa, forças da extrema direita subiram ao poder nas democracias liberais pelo mundo todo.² Cada eleição traz um novo choque: neonazistas no parlamento alemão, neofascistas no italiano, o *Brexit* conduzido pela xenofobia alimentada por tabloides, ascensão do nacionalismo branco na Escandinávia, regimes autoritários tomando forma na Turquia e no Leste Europeu e, é claro, o trumpismo. O ódio e a belicosidade racistas, anti-islâmicos e antisemitas crescem nas ruas e na internet. Grupos de extrema direita recentemente amalgamados têm eclodido audaciosamente na vida pública após terem passado anos à espreita, na maior parte do tempo nas sombras. Políticos e vitórias políticas encorajam movimentos de extrema direita que, por sua vez, se sofisticam à medida que manipuladores

-
- 1 Agradeço a Corey Robin, que me enviou essa frase de *Middlemarch*.
 - 2 Os sentimentos nativistas, racistas, homofóbicos, sexistas, antisemitas, islamofóbicos, bem como sentimentos cristãos antisseculares, adquiriram bases políticas e legitimidade inimagináveis há uma década. Políticos oportunistas surfam nessa onda, enquanto conservadores com mais princípios buscam submergir e esperar que ela passe; as agendas políticas de ambos frequentemente confluem mais para a plutocracia do que para as paixões furiosas de uma base que exige a criminalização de imigrantes, do aborto e da homossexualidade, a preservação de monumentos ao passado escravista e que as nações voltem a se dedicar à branquitude [*whiteness*] e à cristandade.

políticos e peritos em mídia social moldam a mensagem. Enquanto esse recrutamento continua crescendo, centristas, neoliberais *mainstream*, liberais e esquerdistas hesitam. Indignação, moralização, sátira e esperanças vãs de que facções internas ou escândalos na direita produzirão sua auto-destruição têm prevalecido sobre estratégias sérias para desafiar essas forças por meio de alternativas convincentes. Nós temos dificuldade até mesmo com a nomenclatura: trata-se de autoritarismo, fascismo, populismo, democracia não liberal, liberalismo antidemocrático, plutocracia de extrema direita? Ou outra coisa?

A incapacidade de prever, compreender ou efetivamente contestar esses desenvolvimentos é devida, por um lado, a suposições cegas sobre valores e instituições ocidentais duradouros – especialmente o progresso, o Iluminismo e a democracia liberal –, e, por outro lado, à aglomeração pouco familiar de elementos na direita ascendente – sua curiosa combinação de libertarianismo, moralismo, autoritarismo, nacionalismo, ódio ao Estado, conservadorismo cristão e racismo. Estas novas forças conjugam elementos já familiares do neoliberalismo (favorecimento do capital, repressão do trabalho, demonização do Estado social e do político, ataque às igualdades e exaltação da liberdade) com seus aparentes opostos (nacionalismo, imposição da moralidade tradicional, antielitismo populista e demandas por soluções estatais para problemas econômicos e sociais). Elas conjugam a retidão moral com uma conduta amoral e não civilizada quase celebradora. Endossam a autoridade enquanto exibem desinibição social e agressão pública sem precedentes. Batem-se contra o relativismo, mas também contra a ciência e a razão, e rejeitam afirmações baseadas em fatos, argumentação racional, credibilidade e responsabilidade. Desdenham dos políticos e da política enquanto manifestam uma feroz vontade de potência e ambição política. Onde estamos?

Não faltaram esforços de analistas e acadêmicos para responder essa questão. Uma narrativa comum da esquerda,

cuja limitações em breve ficarão claras, vai mais ou menos nesta direção: no Norte global, a política econômica neoliberal devastou áreas rurais e suburbanas, esvaziando-as de empregos decentes, aposentadoria, escolas, serviços e infraestrutura enquanto os gastos sociais minguavam e o capital ia à caça de mão de obra barata e de paraísos fiscais no Sul global. Ao mesmo tempo, abria-se uma clivagem cultural e religiosa sem precedentes. Cidadinos modernos, educados, elegantes, seculares, multiculturais e viajados construam um universo moral e cultural diferente daquele dos interioranos, cujas desgraças econômicas foram temperadas com um distanciamento crescente dos costumes daqueles que os ignoravam, ridicularizavam ou desdenhavam. Além de empobrecidos e frustrados, os cristãos brancos, rurais ou suburbanos, eram deixados de lado e para trás, alienados e humilhados. E havia o racismo duradouro, crescente conforme novos imigrantes transformaram bairros suburbanos e conforme políticas de “equidade e inclusão” pareceram, ao homem branco não escolarizado, favorecer a todos, menos a ele. Assim, as agendas políticas liberais, as agendas econômicas neoliberais e as agendas culturais cosmopolitas geraram uma crescente experiência de abandono, traição e finalmente raiva por parte dos novos despossuídos, das populações da classe trabalhadora e da classe média brancas do Primeiro Mundo e do Segundo. Embora seus pares de pele escura tenham sido prejudicados tanto quanto ou mais pelas dizimações neoliberais dos empregos protegidos por sindicatos e dos bens públicos, pelo declínio das oportunidades e do acesso e qualidade da educação, uma coisa que negros e latinos não sofreram foi a perda da supremacia na América e no Ocidente.

À medida que esse fenômeno tomava sua forma inicial, prossegue a narrativa, plutocratas conservadores manipulavam-no brilhantemente: os despossuídos eram a cada vez lançados sob o rolo compressor da economia, enquanto se tocava para eles uma sinfonia política de valores familiares

cristãos, acompanhada por hinos louvando a branquitude e o sacrifício de seus jovens em guerras intermináveis e sem sentido. É disso que trata o livro *What's the Matter with Kansas?*³ Misturar patriotismo com militarismo, cristandade, família, mensagens racistas cifradas e capitalismo desenfreado foi a receita de sucesso dos neoliberais conservadores até a crise financeira de 2008 devastar a renda, a aposentadoria e a casa própria da classe trabalhadora e da classe média branca que constituíam sua base.⁴ Uma mudança séria era então necessária: até mesmo economistas murmuravam seus equívocos sobre a desregulamentação descontrolada, sobre o financiamento da dívida e sobre a globalização. Isso significava gritar contra o Estado Islâmico, contra os imigrantes ilegais, contra os mitos acerca das ações afirmativas e, acima de tudo, culpar o governo e o Estado social pela catástrofe econômica, sorratamente transferindo a culpa de Wall Street para Washington, porque o governo limpava a lambança resgatando os bancos, enquanto deixava as pessoas comuns na mão. Por conseguinte, nasceu uma segunda onda de reação ao neoliberalismo, mais rebelde, populista e repulsiva. Já atormentados por uma elegante família negra na Casa Branca, os brancos descontentes

3 Thomas Frank. *What's the Matter with Kansas?* As referências bibliográficas completas encontram-se na bibliografia ao final deste volume. [N.E.]

4 Muitos estudiosos cuidadosos tratam a longa cauda da crise de 2008 como a causa que precipitou a virada de direita. Cf., entre outros, Yanis Varoufakis, "Our New International Movement Will Fight Rising Fascism and Globalists". David Leonhardt, "We're Measuring the Economy All Wrong: The Official Statistics Say That the Financial Crisis Is Behind Us. It's Not". Manuel Funke *et al.*, "The Financial Crisis is Still Empowering Far-Right Populists: Why the Effects Haven't Faded". Philip Stevens, "Populism is the True Legacy of the Global Financial Crisis". Khatya Chhor, "Income Inequality, Financial Crisis, and the Rise of Europe's Far Right".

foram igualmente alimentados com uma dieta regular de comentários de direita da Fox News, de programas de rádio e mídias sociais, articulada pelas franjas enquanto um *pot-pourri* de movimentos antes isolados – nacionalistas brancos, libertarianos, contrários ao governo e fascistas – conectava-se pela internet.⁵ Devido especialmente à desilusão generalizada com as intermináveis guerras no Oriente Médio, o patriotismo militarista e os valores da família não eram mais suficientes. Ao invés disso, o novo populismo de extrema direita sangrou diretamente da ferida do privilégio destronado que a branquitude, a cristandade e a masculinidade garantiam àqueles que não eram nada nem ninguém.

Foi fácil pôr a culpa pelo seu destronamento no roubo de empregos por migrantes, minorias e outros supostos beneficiários não merecedores da inclusão liberal (mais escandalosamente, aqueles de religiões e etnias supostamente terroristas) e cortejados por elites e globalistas. Os danos das políticas econômicas neoliberais foram assim manipulados na imagem de suas próprias perdas, espelhada no descaminho da nação. Era a imagem de um passado mítico de famílias felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares, quando as vizinhanças eram ordeiras, seguras e homogêneas, a heroína era problema dos negros, o terrorismo não estava em solo pátrio e quando cristandade e branquitude hegemônicas constituíam a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação e do Ocidente.⁶ Contrário à invasão de outros povos, ideias, leis, culturas e religiões, esse era o mundo de conto de fadas que os líderes populistas de direita prometeram

5 David Neiwert, *Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump*.

6 Cf. James Kirchik, *The End of Europe: Dictators, Demagogues, and the Coming Dark Age*. Douglas Murray, *The Strange Death of Europe*. Walter Laqueur, *After the Fall: The End of the European Dream and the Decline of a Continent*.

proteger e restaurar. Os *slogans* das campanhas dizem tudo: “Make America great again” [Faça a América grande de novo] (Trump), “A França para os franceses” (Le Pen e a Frente Nacional), “Take back control” [Recupere o controle] (Brexit), “Nossa cultura, nosso lar, nossa Alemanha” (Alternativa para a Alemanha), “Polônia pura, Polônia branca” (Partido Polonês da Lei e da Justiça), “Mantenha a Suécia sueca” (Democratas Suecos). Esses *slogans* e o ressentimento que expressam conectaram grupos de franjas racistas outrora dispersos, católicos de direita, cristãos evangélicos e cidadãos suburbanos frustrados que despencavam da classe média e da classe trabalhadora. A crescente segmentação [*silozation*] do consumo de mídia, da tv a cabo ao Facebook, reforçou tais conexões e alargou o abismo entre os interioranos e os instruídos, urbanos, cosmopolitas, mestiços, feministas, defensores do *queer* e ateus. Ao mesmo tempo, a implacável corrosão neoliberal de toda forma de existência não monetizada – tal como ser bem informado e cheio de ideias sobre o mundo – convergiu com a privatização, que sufocou o acesso ao ensino superior para muitos. Uma geração já afastada da educação em artes liberais⁷ voltou-se contra ela.

O foco dessa narrativa varia. Ora são as políticas neoliberais, ora a suposta fixação da esquerda liberal com o multiculturalismo e com políticas identitárias, ora o crescente poder e importância política de nacionalistas evangélicos e cristãos, ora a crescente vulnerabilidade de uma população não escolarizada às mentiras e conspirações, ora a necessidade existencial de horizontes, ora a falta de atratividade da visão de mundo globalizado para todos, exceto para as elites e, por vezes, o racismo duradouro de uma velha classe

7 Uma educação em artes liberais é um curso universitário voltado à ideia de uma educação interdisciplinar que visa uma vida cívica ativa e livre. Seu objetivo é explorar diversas áreas para desenvolver conhecimentos gerais de modo a fortalecer o pensamento crítico e a comunicação. [N.T.]

trabalhadora branca ou o novo racismo ao qual se apegam jovens brancos não escolarizados. Alguns sublinham o papel dos poderosos *think tanks* de direita e do dinheiro na política. Outros sublinham os velhos/novos “tribalismos” que emergem do colapso de Estados-nação ou de regiões antes mais homogêneas (em termos raciais ou religiosos). Entretanto, quase todos concordam que a intensificação da desigualdade neoliberal no Norte global foi um barril de pólvora e que a imigração em massa do Sul para o Norte lançou um fósforo aceso.

Com suas várias inflexões, essa narrativa se tornou o senso comum da esquerda desde o terremoto político de novembro de 2016. Ela não está errada, mas incompleta, como procurarei mostrar. Ela não registra as forças que sobredeterminam a forma radicalmente antidemocrática da rebelião e, assim, tende a alinhá-la aos fascismos de outrora; ela não considera a demonização do social e do político por parte da governamentalidade neoliberal, nem a valorização da moralidade tradicional e dos mercados como seus substitutos; não reconhece a desintegração da sociedade e o descrédito do bem público pela razão neoliberal, a semear o terreno para os assim chamados “tribalismos” que emergiram como identidades e forças políticas em anos recentes. Não explica como o ataque à igualdade, combinado com a mobilização dos valores tradicionais, pôde aumentar o fogo e legitimar racismos dos legados coloniais e escravagistas que há tanto tempo fervem em fogo brando – o que Nikhil Singh chama de nossas “guerras internas e externas” – ou ainda o caráter de nunca-vá-suavemente-noite-adentro⁸ da

8 “Never go gently into the night” ou sua variação “never go softly into the night” remete ao poema “Do not go gently into that good night” de Dylan Thomas, publicado em 1951. A expressão, hoje popularizada na língua inglesa, refere-se à ideia de lutar até o fim, não entregar os pontos, mesmo quando o fim é iminente. [N.T.]

superordenação masculina;⁹ não capta o nihilismo crescente que desafia a verdade e transforma a moralidade tradicional em arma de batalha política; não identifica como os ataques à democracia constitucional, à igualdade racial, de gênero e sexual, à educação pública e à esfera pública civil não violenta foram todos levados a cabo em nome da liberdade e da moralidade. Não compreende como a racionalidade neoliberal desorientou radicalmente a esquerda ao moldar um discurso corriqueiro no qual a justiça social é de uma só vez banalizada e demonizada como “politicamente correta” ou caracterizada como uma *Kulturkampf* da esquerda gramsciana que visa depor a liberdade e a moralidade e que é assegurada por um estatismo blasfemo.¹⁰

Este livro trata dessas questões por meio da teorização de como a racionalidade neoliberal preparou o terreno para mobilizar e legitimar forças ferozmente antidemocráticas na segunda década do século XXI. O argumento não é que o neoliberalismo por si só *causou* a insurgência da extrema direita no Ocidente de hoje, ou que toda a dimensão do presente, das catástrofes que produzem grandes fluxos de refugiados para a Europa e América do Norte até a setorização e a polarização políticas geradas pelas mídias digitais, possa ser *reduzida* ao neoliberalismo.¹¹ Meu argumento é que nada

9 Nikhil Singh, *Race and America's Long War*.

10 Cf., p. ex., Jonah Goldberg, *Liberal Fascism*, pp. 361-67.

11 Os eventos que ajudam a crescer e a animar o que antes era uma formação marginal nos Estados Unidos e na Europa incluem as consequências do colapso do capital financeiro, o surgimento de uma mídia altamente setorizada e isolada, inclusive as mídias sociais, as várias crises políticas e econômicas — da guerra civil na Síria à guerra de gangues na Guatemala, gerando uma onda de refugiados e migrantes para a Europa e a América do Norte —, o Estado Islâmico e outras fontes de terror, dois mandatos de um presidente afro-americano nos Estados Unidos, a promoção pela esquerda de justiça e cidadania multiculturais, o declínio da qualidade da

fica intocado pela forma neoliberal de razão e de valoração, e que o ataque do neoliberalismo à democracia tem, em todo o lugar, infletido lei, cultura política e subjetividade política. Compreender as raízes e as forças da situação atual requer avaliar a cultura política e a produção subjetiva neoliberais, e não somente as condições econômicas e os racismos persistentes que a geraram. Significa avaliar que a ascensão das formações políticas nacionalistas autoritárias brancas se deve à raiva instrumentalizada dos indivíduos abandonados economicamente e ressentidos racialmente, mas também delineada por mais de três décadas de assaltos neoliberais à democracia, à igualdade e à sociedade. O sofrimento econômico e o rancor racial das classes trabalhadora e média brancas, longe de se distinguir desses assaltos, adquire voz e forma a partir deles. Esses ataques também abastecem (mesmo que por si mesmos não sejam sua causa) a ambição nacionalista cristã de (re)conquistar o Ocidente. Eles também se misturam com um nihilismo intenso que se manifesta como perda da fé na verdade, na facticidade e em valores fundamentais.

Para construir estes argumentos, *Nas ruínas do neoliberalismo* revisita aspectos específicos do pensamento daqueles que se reuniram na Sociedade Mont Pèlerin em 1947, adotaram o nome “neoliberalismo” e propuseram o esquema fundador para aquilo que Michel Foucault chamaria de a

educação pública e do acesso ao ensino superior por famílias trabalhadoras e de classe média, e, acima de tudo, o desenvolvimento da internet. A globalização neoliberal também é responsável por grande parte do descontentamento das classes brancas trabalhadora e média no Norte global, cujas fortunas e futuros colapsavam à medida que o capital manufatureiro buscava mão de obra barata no Sul global, que o capital financeiro transformou a necessidade humana de moradia e a provisão para a velhice em fonte de megalucros pela especulação e que a ideia da tributação como forma de custeio da civilização desapareceu.

dramática “reprogramação do liberalismo” que hoje conhecemos como neoliberalismo. Novamente, isso não significa, entretanto, que nem os intelectuais neoliberais originais – Friedrich Hayek, Milton Friedman e os seus meios-irmãos, os ordoliberais alemães – e nem mesmo os próprios formuladores das políticas neoliberais mirassem o presente político e econômico. Ao contrário, o entusiasmo popular com os regimes autocráticos, nacionalistas e em alguns casos neofascistas, abastecidos pela disseminação de mitos e pela demagogia, afasta-se tão radicalmente dos ideais neoliberais quanto os regimes comunistas estatais repressivos afastavam-se de Marx e de outros intelectuais socialistas, mesmo que, em ambos os casos, a planta disforme tenha crescido do solo fertilizado por aquelas ideias. Forjado no cadinho do fascismo europeu, o neoliberalismo visou uma imunização permanente das ordens de mercado contra o rebrotar de sentimentos fascistas e poderes totalitários.¹² Ávidos por apartar a política dos mercados, os neoliberais originais teriam detestado tanto o *crony capitalism*¹³ quan-

12 Alguns ordoliberais chegaram perto de endossar o fascismo, e para nenhum deles estabelecer barreiras entre os mercados e a política era o único objetivo. Cf. Quinn Slobodian, *Globalists: The Birth of Neoliberalism and the End of Empire*, que oferece um relato convincente da ordem mundial que eles procuraram construir. Além disso, embora eu cite a datação convencional das origens do neoliberalismo, a partir do encontro de 1947 da Sociedade Mont Pèlerin, William Callison traz um argumento convincente ao remontar suas origens até o período entre as guerras mundiais. Cf. William Callison, *Political Deficits: The Dawn of Neoliberal Rationality and the Eclipse of Critical Theory*.

13 A expressão “*crony capitalism*”, que pode ser traduzida como “capitalismo de compadrio” ou “capitalismo clientelista”, refere-se a uma discussão travada na sociologia e na teoria política após as experiências do Estado de bem-estar social nos países centrais e as modernizações “retardatárias” na periferia a respeito das relações promíscuas entre o Estado e grupos econômicos monopolistas e oligopolistas. [N.T.]

to o poder oligárquico internacional gerado pelas finanças que hoje segura as rédeas dos Estados.¹⁴ Buscando colocar a política para fora dos mercados e a concentração de interesses econômicos para fora da elaboração das políticas, eles teriam deplorado a manipulação das políticas públicas por setores dominantes da indústria e do capital e teriam odiado a politização das empresas. Acima de tudo, eles temiam a mobilização política de cidadãos ignorantes e excitados e buscavam no mercado, na disciplina moral e numa democracia severamente cerceada as formas de pacificá-los e contê-los. Eles teriam ficado horrorizados diante do fenômeno contemporâneo do surgimento de líderes ao mesmo tempo autoritários e imprudentes surfando nessa maré rumo ao poder. Em suma, embora este livro argumente que a constelação de princípios, políticas, práticas e formas de governar a razão que pode ser reunida sob o signo de neoliberalismo constituiu de modo importante o presente catastrófico, não foi esse o rebento desejado pelo neoliberalismo, mas sua criação frankensteiniana. Compreender como essa criação veio a ser requer o exame das falhas e oclusões iminentes dos princípios e políticas neoliberais, bem como sua mescla com outros poderes e forças, tais como racismo, niilismo, fatalismo e ressentimento.¹⁵

14 Para os relatos de como e por que bancos e instituições financeiras enfraquecem cada vez mais a autonomia política na tomada de decisões, cf. Thomas Biebricher, “The Biopolitics of Ordoliberalism”, pp. 171-91; Claus Offe, *Europe Entrapped*. Wolfgang Streeck, *Buying Time: The Delayed Crisis of Democratic Capitalism*. Yanis Varoufakis, *And the Weak Suffer What They Must: Europe’s Crisis and America’s Economic Future*.

15 Muitos acadêmicos estudiosos de economia política analisaram criticamente as contradições econômicas e as limitações da economia neoliberal. Além disso, em *Political Deficits*, William Callison oferece uma explicação genealógica e analítica dos pontos cegos internos do neoliberalismo vis-à-vis do “político”. Thomas Biebricher escreveu sobre suas contradições e

Este livro não afirma que o neoliberalismo *visou* a conjuntura atual de princípios, políticas, práticas e formas de racionalidade, nem advoga que os fascismos dos anos 1930 estão “retornando”, nem que a civilização Ocidental, outrora no caminho do progresso, encontra-se agora num período de regressão.¹⁶ Ao invés disso, ele teoriza a atual formação como relativamente inédita, divergindo dos autoritarismos, fascismos, despotismos ou tiranias de outras épocas e lugares e diferindo também dos conservadorismos convencionais ou conhecidos. Por conseguinte, rejeitamos aqui a linguagem que boa parte da esquerda usa para repreender a direita, bem como a que a direita usa para descrever a si mesma. Ele foca em como as formulações neoliberais da liberdade inspiram e legitimam a extrema direita e como a direita mobiliza um discurso de liberdade para justificar suas exclusões e violações às vezes violentas e que visam reassegurar a hegemonia branca, masculina e cristã, e não apenas expandir o poder do capital. Também discutimos como essa formulação de liberdade pinta a esquerda, incluindo a esquerda moderada ou liberal, como tirânica ou mesmo “fascista” em sua preocupação com justiça social e, ao mesmo tempo, como responsável pelo esgarçamento do tecido moral, pelas fronteiras desprotegidas e por premiar quem não merece.

O projeto deste livro requer pensar para além dos argumentos (e mesmo revisá-los) de *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*, meu trabalho anterior sobre o neoliberalismo e a democracia, no qual eu caracterizava a racionalidade neoliberal que cria um mundo como focada exclusivamente no impulso de economicizar todos os aspectos da existência, das instituições democráticas à

aporias vis-à-vis da neutralidade política e da soberania em “Sovereignty, Norms, and Exception in Neoliberalism”.

16 Cf. Rahel Jaeggi, *Fortschritt und Regression*.

subjetividade.¹⁷ Ele também revisa argumentos de um ensaio anterior, *American Nightmare*, em que analisei as racionalidades neoliberal e neoconservadora como distintas em suas origens e características.¹⁸ Esses dois trabalhos anteriores falharam em apreender as características cruciais da revolução neoliberal de Thatcher-Reagan, as quais têm suas coordenadas naquilo que Philip Mirowski chamou de Coletivo do Pensamento Neoliberal e Daniel Stedman Jones descreveu como “uma espécie de Internacional neoliberal”, uma rede transatlântica de acadêmicos, empresários, jornalistas e ativistas.¹⁹ Essa revolução visava habilitar o mercado e a moral para governar e disciplinar indivíduos, ao mesmo tempo maximizando a liberdade, e assim o fez por meio da demonização do social e da versão democrática da vida política. A razão neoliberal, especialmente como Friedrich Hayek a formulou, coloca o mercado e a moral como formas singulares de provisão de recursos para as necessidades humanas, compartilhando princípios e dinâmicas ontológicos. Enraizados na liberdade [*liberty*] e gerando uma ordem e evolução espontâneas, seus opostos radicais são *qualquer*

17 Wendy Brown, *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*.

18 Wendy Brown, “American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism and De-Democratization”.

19 Cf. Philip Mirowski, “Neoliberalism: The Political Movement That Dared Not Speak Its Name”. *Id.*, “This Is Water (or Is It Neoliberalism?)”. Mirowski escolheu a denominação “Coletivo do Pensamento Neoliberal” [*Neoliberal Thought Collective*] para captar até que ponto as ideias centrais do neoliberalismo não eram as de um indivíduo ou de uma só época, pois a própria Sociedade Mont Pèlerin compreendia um grupo de pessoas relativamente diverso e mutável que redefiniu suas ideias ao longo do tempo. Aqueles que eram periféricos numa época se tornaram centrais noutra. As diferentes escolas das quais a sociedade foi composta nunca alcançaram uma unidade intelectual, mesmo quando compartilhavam e desenvolviam um projeto político, econômico e moral comum.

tipo de política, planejamento e justiça sociais deliberados e administrados pelo Estado.

É lugar-comum afirmar que o mercado tem esse papel no neoliberalismo – mas o mesmo não pode ser afirmado sobre a moralidade tradicional, embora esta apareça com destaque na declaração de fundação da Sociedade Mont Pèlerin.²⁰ O papel da família na revolução neoliberal americana é tema do rico livro de Melinda Cooper de 2016, *Family Values*, que revela como reassegurar as normas familiares patriarcais não é algo secundário, mas profundamente enraizado na reforma neoliberal do bem-estar social e da educação. Cooper examina e vincula uma série de políticas nas quais a família tradicional foi explicitamente aduzida para substituir múltiplos aspectos do Estado social. Em sua narrativa, a privatização mercadológica da seguridade social, da saúde e do ensino superior envolveu a “responsabilização” de indivíduos masculinos, em vez do Estado, nos casos de gravidez na adolescência; dos pais, em vez do Estado, pelos custos da educação superior; e das famílias, em vez do Estado, pela provisão de qualquer tipo de cuidado para seus dependentes – sejam crianças, deficientes ou idosos.²¹

O livro de Cooper é brilhante. No entanto, somente voltando às ideias neoliberais fundadoras, em particular a Hayek, será possível pôr em relevo a arquitetura da razão que liga a moralidade tradicional ao neoliberalismo e que anima as campanhas da direita hoje. Essas campanhas classificam como assaltos à liberdade e à moralidade toda política social

20 Na “Declaração de Objetivos” de 1947 da Sociedade Mont Pèlerin, o primeiro item listado como matéria a ser objeto de estudos adicionais foi “a análise e exploração da natureza da crise atual, de modo a trazer para os outros as origens *morais e econômicas* essenciais” (grifo nosso). A declaração também identificou uma “visão da história que nega todos os padrões morais absolutos” como um dos riscos para “os valores centrais da civilização” e da liberdade.

21 Melinda Cooper, *Family Values*.

que desafia a reprodução social das hierarquias de gênero, raça e sexo, ou as políticas que promovem tímidas correções das diferenças extremas entre classes. Para Hayek, o mercado e a moral, juntos, são o fundamento da liberdade [*freedom*], da ordem e do desenvolvimento da civilização. Ambos são organizados espontaneamente e transmitidos por meio da tradição e não pelo poder político. Os mercados só podem funcionar impedindo-se o Estado de neles se imiscuir ou intervir. A moral tradicional só pode funcionar quando se impede igualmente que o Estado intervenha nesse domínio e quando a expansão daquilo que Hayek chama de “esfera pessoal protegida” confere à moralidade mais poder, amplitude e legitimidade do que as democracias sociais seculares racionais propiciam. Assim, mais que um projeto de ampliação da esfera da competição e valoração de mercado (“economicizando tudo”, como argumentei em *Undoing the Demos*), o neoliberalismo hayekiano é um projeto político-moral que visa proteger as hierarquias tradicionais negando a própria ideia do social e restringindo radicalmente o alcance do poder político democrático nos Estados-nação.

O ataque contemporâneo à sociedade e à justiça social em nome da liberdade de mercado e do tradicionalismo moral é, portanto, uma emanção direta da racionalidade neoliberal, e não se limita aos assim chamados “conservadores”. Se a reforma clintoniana do Estado de bem-estar é o exemplo mais óbvio do “neoliberalismo progressista”, ela também delineou a campanha pela igualdade de casamento, que construiu a defesa do casamento entre pessoas do mesmo sexo sobre a dupla base da singularidade moral-religiosa do casamento e da singularidade econômica das famílias em prover saúde, educação e bem-estar, assim como a transmissão de riqueza entre gerações. As forças conservadoras, no entanto, fizeram apelos mais diretos à moralidade tradicional e homílias ao livre-mercado, embrulhando tudo isso com patriotismo, nativismo e cristandade. Nos Estados Unidos, uma maioria na Suprema Corte encorajou esses apelos por

meio de uma série de pareceres que revogou as restrições à produção e ao comércio, repeliu estatutos antidiscriminação e expandiu o significado e o alcance da liberdade religiosa.²²

Os textos fundadores raramente mencionaram isso, mas a superordenação branca e masculina é facilmente inserida no projeto neoliberal mercado-e-moral. Por um lado, os mercados desregulamentados tendem a reproduzir, em vez de amenizar, os poderes e a estratificação sociais produzidos historicamente. Divisões raciais e sexuais do trabalho estão embutidas neles: o trabalho doméstico, por exemplo, em que predomina um gênero, não é remunerado, e sua versão de mercado lamentavelmente sub-remunerada (cuidado infantil, limpeza doméstica, cuidado domiciliar de saúde, trabalho na cozinha) é executada de modo desproporcional por não brancos e imigrantes. Profundas desigualdades tanto na educação pública quanto na privada (do jardim de infância à pós-graduação) compõem essa estratificação, assim como as culturas de classe, raça e gênero que estruturam práticas de contratação, promoções e sucesso. Por outro lado, a moralidade tradicional serve, por exemplo, para repelir o combate às desigualdades como, por exemplo, assegurar a liberdade reprodutiva das mulheres ou desmantelar a iconografia pública que celebra um passado escravocrata. A moralidade tradicional também liga a preservação do passado ao patriotismo, promovendo-o não apenas como amor ao país, mas como amor ao modo como as coisas *eram*, o que tacha de anti-patrióticas as objeções à injustiça racial e de gênero. Daí a reprimenda aos protestos “*take a knee*”²³ de Colin Kaepernick

22 Embora esses questionamentos se baseiem em vários elementos da Constituição dos Estados Unidos, nenhum desses elementos foi mais importante do que as liberdades propiciadas pela Primeira Emenda. É o assunto dos capítulos 3 e 4.

23 Alguns jogadores da liga NFL estadunidense, como Colin Kaepernick, passaram a se ajoelhar durante a execução do hino nacional como forma de protesto para chamar a atenção

contra a brutalidade policial racializada, considerados desrespeitosos às tropas americanas. Kaepernick nunca mencionou os soldados nem dirigiu seu protesto às empreitadas militares americanas. No entanto, mais do que metonímias ligam o hino nacional, o futebol americano e as forças armadas – mais ainda que a objeção racista aos atletas negros de que seu trabalho é tocar e dançar para os brancos, e não reivindicar um lugar à mesa com eles. A lógica que considera seu protesto antipatriótico é organizada por uma imagem da nação que compreende as tradições como imunes a crítica, incluindo tradições de policiamento e de racismo. Os militares, identificados como a “defesa de nosso modo de vida”, até mesmo ou talvez especialmente quando lutam em guerras impopulares, são o emblema mais brilhante dessa imagem.

A ASCENSÃO DA POLÍTICA ANTIDEMOCRÁTICA

Talvez os opositores da social-democracia devam saudá-la por seus efeitos conservadores. A social-democracia traz contribuições para a sociedade em geral e para o sistema político que servem para suavizar o radicalismo potencial da democracia política. Todos contribuem, todos se beneficiam e todos participam. Ao promover a educação pública, a seguridade social e os cuidados ampliados com a saúde, a social-democracia ajuda a mitigar os efeitos divisivos da riqueza, da raça, da etnicidade e de outras identidades potencialmente explosivas. Ela promove uma comunalidade de contribuições e benefícios compartilhados que encorajam uma forma moderada, e não enfurecida, de governo da maioria.

Sheldon Wolin, *Fugitive Democracy and Other Essays*

à brutalidade policial e à desigualdade racial nos Estados Unidos. Mas tal gesto tem sido interpretado por alguns (especialmente pela direita) como um ato desrespeitoso, de insulto à bandeira americana e aos valores que ela representa. [N.T.]

O presente livro argumenta que a ascensão da política anti-democrática foi promovida por meio de ataques à sociedade – compreendida como algo experimentado e zelado de forma comum – e à legitimidade e à prática da vida política democrática. O capítulo 1 inicia esta análise do projeto mercado-e-moral do neoliberalismo examinando a crítica do neoliberalismo à sociedade e seu objetivo de desmantelá-la. O capítulo 2 explora o ataque à democracia compreendida como soberania popular e poder político compartilhado. O capítulo 3 delinea o projeto neoliberal de expandir o alcance da moralidade tradicional para além das esferas do culto familiar e privado para a vida pública e comercial. Nos Estados Unidos, essa expansão foi poderosamente encorajada pela Suprema Corte. O capítulo 4 faz uma leitura de dois vereditos recentes da Corte sob esse prisma. O capítulo 5 explora o embricamento do projeto neoliberal mercado-e-moral com o niilismo, o fatalismo e a supremacia masculina branca ferida.

O quinto capítulo também desenvolve um *leitmotiv* que percorre os outros: conforme já observei, o neoliberalismo produziu efeitos muito diferentes daqueles imaginados e visados por seus arquitetos. Há várias razões para isso. Primeiramente, há uma espécie de retorno do recalcado na razão neoliberal – uma erupção feroz das forças sociais e políticas a que os neoliberais de uma só vez se opuseram, subestimaram e deformaram com seu projeto desdemocratizador. Isso significa que o neoliberalismo realmente existente apresenta agora o que Sheldon Wolin caracteriza como uma forma “enfurecida” de governo da maioria (frequentemente denominada “populismo” por especialistas) que surge da sociedade que os neoliberais pretendiam desintegrar, mas não conseguiram derrotar, e que assim foi deixada sem normas civis nem compromissos comuns. Em segundo lugar, temos o fato de o neoliberalismo ter acidentalmente soltado as rédeas do setor financeiro e os modos pelos quais a financeirização solapou profundamente os sonhos neoliberais

de uma ordem global competitiva, zelada por instituições supranacionais, de um lado, e viabilizada por Estados plenamente livres dos interesses e das manipulações econômicas, de outro.²⁴ Em terceiro, temos os modos como o mercado e a moral se distorceram à medida que foram submetidos às gramáticas e ao espírito um do outro – isto é, à medida que a moralidade foi mercantilizada e os mercados, moralizados. Por meio desse processo, ambos foram politizados como credos dogmáticos [*fighting creeds*], perdendo assim o caráter e o modo “orgânico e espontâneo” de organizar a conduta pelos quais Hayek e seus colegas os estimavam. Finalmente, o neoliberalismo intensificou o niilismo, o fatalismo e o ressentimento rancoroso já presentes na cultura moderna tardia. Juntos, esses desenvolvimentos e efeitos geraram algo radicalmente diferente da utopia neoliberal de uma ordem liberal desigualitária em que indivíduos e famílias seriam pacificados politicamente pelo mercado e pela moral e subentendidos por um Estado autônomo e com autoridade, mas despolitizado. Em vez disso, o neoliberalismo produziu um monstro que seus fundadores abominariam.

24 Cf. Wolfgang Streeck, *Buying Time: The Delayed Crisis of Democratic Capitalism*, sobretudo os capítulos 2 e 3. Claus Offe, *Europe Entrapped*. Greta Krippner, *Capitalizing on Crisis: The Political Origins of the Rise of Finance*, bem como a crítica de Brian Judge a Krippner em sua dissertação. Com a financeirização, não apenas os Estados e mesmo as instituições supranacionais estão subordinados aos poderes e vicissitudes dos mercados financeiros, mas também a produção subjetiva e a subjetividade mudam: risco, crédito e especulação, em vez de conduta disciplinada produtiva ou empreendedora moldam não apenas a vida econômica, mas a vida política. Cf. Michel Feher, *Rated Agency: Investee Politics in a Speculative Age*.